



RISUS - Journal on Innovation and Sustainability
Volume 4, número 3 - 2013
ISSN: 2179-3565

Editor Científico: Arnoldo José de Hoyos Guevara
Assistente Científico: Alessandro Marco Rosini
Avaliação: Melhores práticas editoriais da ANPAD

EMPREENDEDORES NO ENSINO E PRÁTICAS EDUCACIONAIS

Dr. Edmir Kuazaqui

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

E-mail: ekuazaqui@uol.com.br

Ms. Luis Antonio Volpato

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

E-mail: lvolpato@espm.br

Resumo: Este artigo aborda a adoção de práticas empreendedoras como estratégia fundamental ao professor universitário. É bem verdade que a junção de conceitos educacionais ao empreendedorismo não tenha sido suficientemente aprofundada, por uma série de preconceitos que tem barrado essa discussão até agora (Lavieri, 2010). Por esse motivo, este trabalho foca a sua importância para a formação qualitativa do aluno. Mas em que consistem essas práticas empreendedoras? Essas práticas, conforme Lowman (2004), relacionam-se às diferentes ações aplicadas pelo docente no sentido de melhor transmitir seus ensinamentos e fazer com que o corpo discente possa entender e compreender os conteúdos ministrados e respectivas aplicações. Desta forma, o professor deixa de ser simplesmente um conteudista e passa a ser um facilitador do processo de aprendizagem. Destaca-se, assim, a importância da educação continuada, para a evolução de conteúdos, tanto do ponto de vista do docente quanto do discente. Após as análises e discussões, será apresentada uma reflexão sobre a importância de um processo de educação criativo dialogado, constantemente planejado e sustentado. Este trabalho valeu-se de estudo exploratório, com técnicas bibliográfica e de campo, principalmente o vivencial, a partir do registro sistêmico de experiências dos autores do artigo bem como o depoimento de outros docentes. Caracteriza-se então como um estudo essencialmente qualitativo, sem comprovação estatística da aplicação dessas práticas.

Palavras-chave: Educação; empreendedorismo, ensino universitário; criatividade; andragogia.

Data do recebimento do artigo: 20/09/2013

Data do aceite de publicação: 15/12/2013

INTRODUÇÃO

A transmissão de conhecimentos evoluiu. E a ação do docente precisa estar focada no aprender e no apreender. Mas, conforme observam Anastasiou e Alves (2009, p.17), “Essas ações são muitas vezes consideradas e executadas como ações disjuntas, ouvindo-se até de professores afirmações do tipo ‘eu ensinei, o aluno é que não aprendeu’”.

A ação docente pode ser medida pelo resultado alcançado pelos alunos em avaliações como provas e exercícios ou até pela estatística obtida a partir da inserção do indivíduo no mercado de trabalho. Porém, deve-se considerar que a ação docente não é um ato isolado, e que deve ser contextualizada num processo sistêmico, no qual o docente tem breve participação. Desta forma, essa atividade deve estar dentro de um planejamento maior de curso, que deve estar integrado à IES e enquadrado nas leis e normas do país.

Entretanto, devemos atentar que as aulas são ministradas por pessoas para pessoas (e não simplesmente indivíduos), e que cada um tem suas características e particularidades distintas. Então, de uma simples repetição, pode-se estabelecer um diálogo entre as partes, ajustando os níveis de intensidade da comunicação e assimilação de dados e fatos que podem se transformar no processo cognitivo entre professor e aluno, em conhecimento pleno a ser aplicado de forma assertiva na sociedade. Daí a relação e importância da didática no ensino relacionado à andragogia. Como um professor universitário consegue, a partir de sua visão de mundo, transmitir conhecimentos com sua capacidade de abstração de fatos, dados e números? Pode-se afirmar categoricamente que o ensino e a educação estão diretamente relacionados à capacidade e à competência do docente para ensinar e educar.

A capacidade está relacionada aos conhecimentos adquiridos na sua formação acadêmica e na experiência profissional - a conjugação de ambos lhe possibilita transmitir ao discente tanto a teoria quanto a sua aplicação em situações reais. Já a competência está relacionada, principalmente, a fatores endógenos do docente, como empreendedorismo, criatividade e assertividade, e depende do seu grau de motivação, que pode vir de si próprio ou de variáveis exógenas. Essas variáveis externas podem ser relacionadas ao ambiente de trabalho, remuneração, bem como a desafios sadios que podem ser incorporados na carreira docente. O importante é frisar que um professor motivado, certamente, motiva seus alunos a um melhor aprendizado.

Para desenvolver uma boa aula, o professor universitário deve apresentar uma mensagem clara e concisa, mas com muita motivação, que tem por objetivos conceituar, discutir e desenvolver o tema ou assunto.

É importante, assim, que o professor busque o aprendizado contínuo, seja por meio de cursos de aperfeiçoamento e atualização, seja pela assimilação de novas tecnologias e ferramentas, que possam facilitar a construção e transmissão de conhecimentos. Somente a exposição dialogada, por vezes, não é suficiente para que se capte a atenção do aluno e se facilite o processo de aprendizagem. Observa-se, dessa forma, que não só o aluno deve estar preparado para aprender, mas o professor também deve estar preparado para transmitir o conhecimento.

O professor deverá procurar, a partir de suas diversas experiências em sala de aula, adequar recursos, conhecimentos, técnicas e ferramentas ao perfil do alunado. Isso implica submeter-se a um processo de avaliação constante, a fim de promover o melhor aprendizado por parte de seus alunos. Não é um processo simples e fácil, mas a orientação para a qualidade deve ser uma procura constante. Conforme Moran (2009, p.12),

Há uma preocupação com ensino de qualidade mais do que com a educação de qualidade. Ensino e educação são conceitos diferentes. No ensino se organizam uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a que compreendam áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemáticas). Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Fala-se muito de ensino de qualidade.

Seguindo esta linha de raciocínio, o verbo aprender só acontecerá se houver o apreender, que significa prender com energia, força, assimilar mentalmente, entender e compreender. Significa dizer que, dentro de um processo de aprendizado, o aluno conseguiu entender e compreender o que lhe foi transmitido e que houve a incorporação em seu ser, tornando-se parte de seus conhecimentos e, portanto passível de aplicação.

Tomemos como exemplo o curso de Administração, que no Brasil está inserido na área de Ciências Sociais Aplicadas. Dentro da Administração, existem outras subáreas como Finanças, Produção, Marketing, Gestão de Pessoas, Serviços, além de assuntos que se inter-relacionam, como gestão de indicadores, planejamento e estratégia empresarial, entre outros. Esses cursos possuem uma série de ferramentas e recursos que possibilitam ao alunado a absorção de conhecimentos, que podem se tornar competências de gestão. Além das aulas, exercícios e avaliações, o curso tem, obrigatoriamente, a presença de Atividades Complementares (ACOM), bem como de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de Programa de Estágios, além da figura da Empresa Júnior. Entretanto, uma grande dificuldade que se lhes tem sido apresentada é a aplicabilidade dos conhecimentos transmitidos aos alunos quando estes ingressam no mercado de trabalho, uma vez que existe uma grande heterogeneidade de atividades e categorias de empresas, o que torna complexa a adaptabilidade dos programas dos cursos à realidade a ser enfrentada por cada aluno.

Mas, então, como equacionar a questão? A resposta não é simples, mas é certo que à medida que o docente incentiva a capacidade de pesquisa do aluno, está instrumentando-o com recursos que lhe propiciarão autonomia no futuro para resolver problemas específicos que poderão surgir na sua vida profissional.

A didática docente, portanto, é fundamental para a formação qualitativa do aluno. Mas a didática é muito mais complexa: ela consiste a forma como o professor desenvolve suas ações, a partir de seus conhecimentos teóricos e práticos, de modo organizado e planejado, no sentido de transferir conceitos e fundamentos, que deverão ser absorvidos e aprendidos pelos seus alunos. Lowman (2005, p.22) aprofunda o conceito, destacando que

O ensino universitário exemplar deve engendrar um aprendizado ativo não somente dos fatos básicos, teorias e métodos, mas também das relações entre os diferentes ramos do conhecimento. Deve promover o pensamento, as habilidades de comunicação e de resolução de problemas, características de uma pessoa educada.

Para a evolução didática, o professor universitário deverá ter um perfil resiliente, a fim de identificar e perceber as mudanças sutis e as transformações radicais no meio em que vive, tornando então uma importante peça orgânica do ambiente social. Também é de crucial importância a efetiva percepção do que ocorre em suas aulas, modelando, em tempo real, as ações aplicadas a partir do feedback dos alunos para que não ocorram situações em que os alunos

observem que determinado professor conhece a matéria, mas não tem didática – ou seja, não aplica as técnicas de forma adequada.

O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM - TÉCNICAS

As instituições de ensino superior, IES, podem recomendar uma linha de ensino e aprendizado, e, nesse caso, o corpo docente deverá adotar os padrões estabelecidos, utilizando um mesmo conjunto de técnicas. Mesmo assim, o docente que for capaz de utilizar as mesmas técnicas de modo diferenciado- empreendendo, portanto - poderá levar seus alunos à obtenção de melhores resultados acadêmicos. Por exemplo, um docente com formação acadêmica e experiência profissional na área de turismo e hospitalidade, com foco em gastronomia, ao ministrar a disciplina Alimentos e Bebidas em cursos de graduação em Turismo e também Nutrição, precisa adaptar os programas e instrumentos didáticos à diversidade dos dois públicos, a fim de não causar ruídos na comunicação em sala de aula, em virtude da terminologia aplicada a alguns conteúdos específicos das aulas.

Além dessa adequação, o docente deve estar atento aos seus objetivos e quais os caminhos escolhidos para atingi-los. Por exemplo, o Quadro 1 apresenta as operações de pensamento que professores esperam que sejam efetuadas pelos alunos. Cada atividade deve ser tratada de forma isolada, no sentido de justificar a sua aplicação. Mas devem ser aplicadas em conjunto, buscando complementaridade e facilitando a organização das ideias. Daí a percepção de alguns que um curso ou professor é mais teórico ou mais prático. A afirmação pode derivar dos conteúdos ministrados, das técnicas empregadas e até mesmo da argumentação do professor.

Quadro 1 - As técnicas didáticas que influenciam o pensar

Operação de Pensamento	Conceitos / Relações
Comparação	Examinar dois ou mais objetos ou processos com intenção de identificar relações mútuas, pontos de acordo e desacordo. Supera a simples recordação, enquanto ação de maior envolvimento do aluno.
Resumo	Apresentar de forma condensada a substância do que foi apreciado. Pode ser combinado com a comparação.
Observação	Prestar atenção em algo, anotando cuidadosamente. Examinar minuciosamente, olhar com atenção, estudar. Sob a ideia de observar existe o procurar, identificar, notar e perceber. É uma forma de descobrir informação. Compartilhada, amplia o processo discriminativo. Exige objetivos definidos, podendo ser anotada, esquematizada, resumida e comparada.
Classificação	Colocar em grupos, conforme princípios, dando ordem à existência. Exige análise e síntese, por conclusões próprias.
Interpretação	Processo de atribuir ou negar sentido à experiência, exigindo argumentação para defender o ponto proposto. Exige respeito aos dados e atribuição de importância, causalidade, validade e representatividade. Pode levar a uma descrição inicial para depois haver uma interpretação do significado percebido.

Crítica	Efetivar julgamentos, análise e avaliação, realizando o exame crítico das qualidades, defeitos, limitações. Segue referência a um padrão ou critério.
Busca de suposições	Supor é aceitar algo sem discussão, podendo ser verdadeiro ou falso. Temos de supor sem as confirmações dos fatos. Após exame cuidadoso, podem-se verificar quais as suposições decisivas, o que exige discriminação.
Imaginação	Imaginar é ter alguma ideia sobre algo que não está presente, percebendo mentalmente o que não foi totalmente percebido. É uma forma de criatividade, liberta dos fatos e da realidade. Vai além da realidade, dos fatos e da experiência. Socializar o imaginado. Introduce flexibilidade às formas de pensamento.
Obtenção e organização de dados	Obter e organizar dados é a base de um trabalho independente; exige objetivos claros, análise de pistas, plano de ação, definição de tarefas-chave, definição e seleção de respostas e de tratamento delas, organização e apresentação do material coletado. Requer identificação, comparação, análise, síntese, resumo, observação, classificação, interpretação, crítica, suposições, imaginação, entre outros.
Levantamento de hipóteses	Propor algo apresentado como possível solução para um problema. Forma de fazer algo, esforço para explicar como algo atua, sendo guia para tentar solução de um problema. Proposição provisória ou palpite com verificação intelectual e inicial da ideia. As hipóteses constituem interessante desafio ao pensar do aluno.
Aplicação de fatos e princípios a novas situações	Solucionar problemas e desafios, aplicando aprendizados anteriores, usando a capacidade de transferências, aplicações e generalizações ao problema novo.
Decisão	Agir a partir de valores aceitos e adotados na escolha, possibilitando a análise e consciência deles. A escolha é facilitada quando há comparação, observação, imaginação e ajuizamento, por exemplo.
Planejamento de projetos e pesquisas	Projetar é lançar ideias, intenções, utilizando-se de esquema preliminar, plano, grupo, definição de tarefas, etapas, divisão e integração de trabalho, questão ou problema, identificação das questões norteadoras, definição de abrangência, de fontes, definição de instrumentos de coleta de dados, validação de dados e respostas, etapas e cronograma. Requer assim identificação,

Fonte: Raths, 1977 apud Anastasiou, 2009, p.33.

Desta forma, talvez não seja necessariamente verídico que um curso de tecnologia superior em Logística empregue muito a técnica de leitura ou que um curso de Comunicação Empresarial não prescindia desta.

A aplicação das técnicas perderá seu valor dentro do processo, se os conteúdos apresentados não estiverem de acordo, bem como a estratégia de utilização, correção e feedback. Esse feedback deve ser claro e argumentativo, para que a aplicação justifique a operação de pensamento e

memória e devida contribuição para o aprendizado dos alunos. Portanto, as atividades de avaliação do pensamento devem estar de acordo e integradas a todo o processo.

Entendendo que existe um processo e que cada disciplina e professor podem contribuir de forma significativa para o aprendizado do aluno, deve-se levar em consideração fatores relacionados aos conteúdos focados de cada disciplina, bem como à necessidade de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, transdisciplinaridade e convergência, em detrimento da disciplinaridade, de forma a trazer contribuições mais consistentes ao resultado do processo de ensino-aprendizagem.

As IES devem, portanto, em conjunto com o seu grupo de professores, organizar encontros pedagógicos para que haja a adequação de conteúdos e respectivas contextualizações, com a identificação e seleção das melhores estratégias didático-pedagógicas.

A multidisciplinaridade envolve o pressuposto de que todo conhecimento pode ser dividido em partes distintas, designadas como disciplinas no ambiente universitário. Cada disciplina tem um objeto e objetivos no contexto maior do curso – o que Morin (2000) designa como justaposição de disciplinas e conteúdos diversos, que, às vezes, aparentemente, não mantêm relação, mas que podem apresentar correlação sob diferentes ângulos, com ciências diferentes, possibilitando um conhecimento mais completo.

Para comprovar esse fato, solicitamos a um aluno, como pesquisa disfarçada, que perguntasse a um professor de Matemática de um curso de graduação em Administração qual a aplicação prática do PI, quando a teoria fosse desenvolvida em sala. Infelizmente, no episódio em questão, o docente não convenceu o aluno de que o conteúdo era importante, pois desconhecia a aplicação do conceito no dimensionamento de espaços e, neste caso, relacionado diretamente à Engenharia e Arquitetura. Por vezes, uma boa prática para se tentar consolidar os resultados multidisciplinares nos alunos é a aplicação de um trabalho a ser desenvolvido em conjunto com várias outras disciplinas de áreas diferentes, convergindo para o foco esperado pelo curso de graduação.

A interdisciplinaridade, diferentemente da multi, está enquadrada numa mesma ciência, e a respectiva relação e interação com outras disciplinas, preferencialmente do mesmo curso na mesma área de conhecimento. Para que a disciplina Gestão de Negócios seja ministrada com êxito, é necessária a sinergia com outras, como Finanças, Marketing, Gestão de Pessoas e Planejamento Estratégico, por exemplo. O mesmo trabalho pode ser aplicado, ressaltando o foco necessário aos seus objetivos.

A transdisciplinaridade, por sua vez, envolve não somente as relações de objetos das partes, mas está contextualizada num sistema maior, com limites rígidos. Conforme Nicolescu (2001, p.25): “a transdisciplinaridade é radicalmente distinta da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade porque sua meta, a compreensão do mundo presente, não pode ser alcançada dentro do quadro de referência da pesquisa disciplinar.” É por demais complexa, pois os conteúdos da disciplina e do curso devem estar contextualizados e inter-relacionados com o ambiente externo e com a sociedade. Então, disciplinas de Comércio Exterior devem estar devidamente relacionadas às práticas de mercado e às políticas de entidades governamentais. E não é somente a possibilidade de visita técnica que pode compor tal efeito.

A incorporação de conteúdos e exemplos relacionados à cidadania e a aspectos culturais tornam a concepção de formação do indivíduo mais rica, inserindo elementos contributivos à sociedade.

Por fim, mas não menos importante, a convergência deve ser ressaltada para que o curso cumpra suas metas e objetivos educacionais. Cada curso pode ter um foco e, para realizar a gestão da melhor forma possível, é necessária a composição de linhas, que visem identificar e organizar conteúdos e posteriormente os relacionamentos em cada linha. Como exemplos práticos, podemos incluir palestras que discutam a Gestão Ambiental, a Responsabilidade Social e a Ética, pois não são matérias “obrigatórias” em alguns cursos de graduação. As palestras não devem se restringir somente aos alunos, mas devem ser abertas aos professores, mesmo que aquele conteúdo não seja diretamente aplicado nas disciplinas.

Concluindo este item, podemos ressaltar um comentário de Kanitz (2005, p.18):

Harvard queria justamente o contrário. Queria que nós descobríssemos as perguntas que precisam ser respondidas ao longo da vida. Uma reviravolta e tanto. Eu estava acostumado a professores que insistiam que decorássemos as perguntas que provavelmente iriam cair no vestibular. Adorei este novo método de ensino.

O comentário se refere às práticas da Instituição, abordando o método qualitativo do estudo de caso. Longe de simplesmente tentar fazer com que os alunos reproduzam o que foi desenvolvido em sala de aula, o professor pode (e deve) ser o elemento transformador, utilizando multimétodos (sendo um deles a correta utilização do estudo de caso) e práticas didáticas diferentes, que visem inserir o aluno na comunidade e que este, também, seja mais um vetor de mudança e transformação da sociedade.

MAS AFINAL, ONDE ESTÃO AS PRÁTICAS INOVADORAS E CRIATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM?

As atividades docentes não são ações soltas, como já observado. Elas necessitam estar devidamente contextualizadas com todos os envolvidos, desde com os objetivos do curso e programa de disciplina até com as instituições governamentais. Desta forma, ações que visem aplicações diferentes devem ser analisadas de forma técnica e pontual, para não prejudicarem o resultado final do processo de ensino-aprendizagem. Devem ser devidamente identificadas e planejadas. Então, o que se considera uma prática empreendedora, inovativa e criativa levando em conta as particularidades da educação? Uma boa pergunta que requer uma resposta ainda mais complexa.

Primeiro, é necessário identificar o que é padrão para as aulas ministradas, as técnicas didáticas utilizadas, quais os recursos necessários e que objetivos se pretende atingir. A simples utilização de um vídeo em sala de aula pode não ser uma prática nova, mas a forma de conduzir a sua utilização, bem como a discussão podem se caracterizar como algo novo. Neste exemplo, a experiência da primeira utilização pode ser criativa e empreendedora; posteriormente, a partir de sua repetição, pode se tornar praxe didática, necessitando de eventuais upgrades. O ambiente de sala de aula pode se constituir num importante laboratório, onde a pesquisa experimental pode ser aplicada de forma técnica e organizada. Se as aulas devem ser planejadas, como será possível a inclusão da criatividade? Conforme Predebon (2009, p.65), a respeito do imprevisto:

Ele [o docente] nunca conseguirá mantê-las no terreno das atividades planejadas. É como se planejássemos ter o caos, cujo primeiro efeito é fugir do planejamento. Dessa defesa advém outra conclusão: o aproveitamento do imprevisto, na aula criativa, é uma ação tática impossível de ser planejada, e nunca vinda de um “roteiro” feito pelo professor. Talvez o único princípio a ser previamente utilizado é uma disposição aberta e francamente favorável.

Desta forma, as duas palavras contêm conotações diferentes. O imprevisto pode ser uma atividade relacionada à criatividade, se não for conseqüente da falta de planejamento de conteúdos e estratégias de ensino definidas. O imprevisto pode ser utilizado, pois nem sempre é possível a previsão de todas as situações e questionamentos que podem ocorrer dentro de uma sala de aula. Geralmente, a capacidade de improvisar deriva do pleno domínio do conhecimento de fatos e teorias, bem como a confirmação da competência do professor em ensinar e educar.

Pensando novamente de outra forma, as atividades docentes que podem ser consideradas como empreendedoras, criativas e inovadoras, por vezes, são individuais e solitárias. Devem-se à vocação do docente, que a partir de motivações individuais, busca melhorar o processo e resultados, sem conseguir meios eficazes para democratizar suas experiências. Em alguns casos, consegue divulgar seu trabalho por meio de algumas pesquisas científicas. Em outros, restringe-se a divulgar “depoimentos”, “opiniões” ou mesmo relatos de experiências em encontros, palestras e reuniões pedagógicas de cursos. Com tais situações, existe certa dificuldade na evolução e democratização de novas experiências e práticas de ensino e educação. Essas experiências individuais e conhecimentos vão evoluindo e se acumulando, tornando-se um “ativo intangível” de cada profissional.

CONCLUSÕES

A construção e o desenvolvimento do conhecimento não devem se limitar à simples repetição de dados, números e fatos. Devem envolver uma série de fatores devidamente contextualizados a partir da base legal (governo e entidades relacionadas à normatização do processo de ensino e educação do país), tais como: questões institucionais relacionadas às IES; perfil do quadro docente e discente; e, principalmente, quais contribuições pretende oferecer à sociedade de forma efetiva.

Dentro do processo de ensino-aprendizagem para adultos (andragogia), deve ser nítida a diferença positiva entre o perfil do egresso em relação ao ingressante. Esta diferença não deve ser mensurada somente sob o ponto de vista dos conhecimentos esperados e auferidos, mas também nas atitudes e comportamentos do aluno e respectiva contribuição efetiva na sociedade. Aí reside o grande desafio das entidades e instituições do ensino superior, pois a grande maioria dos sistemas avaliativos institucionais se refere à aferição de conhecimentos e capacidade na aplicação de conceitos; mas, às vezes, o sistema avaliativo não consegue mensurar aspectos mais qualitativos relacionados às mudanças e transformações de atitudes e comportamentos. Por outro lado, a divulgação e democratização de atividades empreendedoras, criativas e até inovadoras por parte dos professores não têm um meio eficaz, efetivo e motivador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Anastasiou, L. of G.C.; Alves, P. Processes of teaching at the University. Assumptions for Working Classroom Strategies. Santa Catarina: Univille, 2009. (In Portuguese)
- [2] Cardoso, Fernando Henrique. The Art of Politics. The history that I lived. Rio de Janeiro: Brazilian Civilization, 2006. (In Portuguese)
- [3] Day, Robert A.; Gastel, Barbara. How to Write and Publish a Scientific Paper. Greenwood, 2011.
- [4] Kanitz, Stephen. What is the Problem? Veja magazine, 2005 (38) 13: 18. (In Portuguese)
- [5] Lopes, Mary A. Rose (ed.). Entrepreneurial Education. Concepts, Models and Practices. São Paulo: Campus/Sebrae, 2010. (In Portuguese)
- [6] Lowman, Joseph. Mastering the Techniques of Teaching. São Paulo: Atlas, 2004. (In Portuguese)
- [7] Marconi, Marina Andrade; Lakatos, Eva Maria. Fundamentals of Scientific Methodology, 6th ed. São Paulo: Atlas, 2009. (In Portuguese)
- [8] Moran, Jose Manuel. New Technologies and Pedagogical Mediation. São Paulo: Papyrus, 2009. (In Portuguese)
- [9] Morin, Edgar. Science with Conscience. Barcelona: Anthropos/Editorial Del Hombre, 1994. (In Portuguese)
- [10] Morin, Edgar. Head Well-done: Rethinking Reform, Reform Thought. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000. (In Portuguese)
- [11] Nicolescu, B. The Manifesto of Transdisciplinarity. Collection Trans. São Paulo: Triom, 2001. (In Portuguese)
- [12] Predebon, Joseph. Creativity Classes for Renew. São Paulo: MCMLight, 2009. (In Portuguese)

ENTREPRENEURS IN TEACHING AND EDUCATIONAL PRACTICE

Dr. Edmir Kuazaqui

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

E-mail: ekuazaqui@uol.com.br

Ms.Luis Antonio Volpato

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

E-mail: lvolpato@espm.br

Abstract: This article discusses the adoption of entrepreneurial practices as fundamental to the professor strategy. It is true that the addition of educational entrepreneurship concepts has not been thorough enough for a number of biases that have barred this discussion so far (Lavieri, 2010). For this reason, this paper focuses its importance to the qualitative education of the student. But what these entrepreneurial practices ? These practices, as Lowman (2004), relate to the different actions applied by the teacher in order to better convey his teachings and make the student body can understand and comprehend the contents taught and their applications . Thus, the teacher is no longer simply a content - and becomes a facilitator of the learning process. Thus, we highlight the importance of continuing education for the development of content, both from the point of view of the teacher as the student. After analysis and discussion, a reflection on the importance of constantly planned and sustained process of dialogue- creative education will be presented. This work drew on an exploratory study with bibliographical and field techniques, especially the experiential, from the systemic registration of experiences of the authors of the article and the testimony of other professors. Then characterized as essentially a qualitative study, no statistical evidence of the application of these practices.

Keywords: Education; entrepreneurship; university education; creativity; andragogy.